TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA[1]
Entrevistadores: Anna Carolina Nogueira de Araújo, Beatriz Camargo Martins, Elio Buoso Cones e Livia Pace Liu
Entrevistada: T. Angel
São Paulo, 09 de junho de 2021
Duração: 01 hora e 32 minutos
Realizada na plataforma Google Meets

A experiência LGBTQIA+ no ensino institucional

Be: Bom dia a todes! A gente tá aqui hoje no dia nove de julho, junho, nossa [risos]. Estamos no dia nove de Junho, 9h30 da manhã vindo fazer uma entrevista com T.Angel... A gente gostaria de só de confirmar novamente se você autoriza que esse material, tanto sua imagem quanto o som dessa entrevista, seja utilizado e a gente gostaria que você se apresentasse, dissesse seu nome, seus pronomes, de onde você veio, o que que você tá fazendo atualmente... é isso.

T. Angel: Ah... então vamos lá... bom dia pra todes... bom, eu sou T. Angel, pronomes ela/dela ou neutro, masculino não me ofende, mas não faz sentido, então não coloco em prática, mas ok quem coloca. Bom, eu trabalho com educação pública aqui na periferia de Osasco em paralelo eu vou borrando um monte de coisa, então eu tenho trabalho com performance, arte, muito do campo voltado pra arte corporal. Pesquiso o corpo, principalmente o corpo modificado, já há algum tempo e aí essa pesquisa ela parte do meu próprio corpo depois vai pra academia, se eu posso dizer assim [risos], não sei [risos], acho que é isso.

Anna: Ok... tô nervosa [risos]. Então, a primeira pergunta que a gente quer fazer é como foi sua trajetória para se tornar educadora.

T. Angel: Ótimo... Bom, eu acho que tem uma via bem importante, assim, a escola e a educação institucional. Quando um corpo vai ficando mais esquisito, ele vai borrando a normatividade, ele vai sendo um corpo estranho que tem que ser reprimido pelo sistema nessa fase da educação.
Essa educação institucional, ela não é possível, ela é impraticável, é um lugar que eu não quero estar, é um lugar que não me apresenta um horizonte ou possibilidade, é um lugar de sufocamento. Aí eu saio dessa instituição, vou pra rua mesmo, pra noite, pra contracultura da década de 90 com a galera esquisita que também tava na mesma situação de ser repelida assim.
Eu costumo dizer que eu vou me deformar e aí eu volto, tem esse retorno depois da instituição, mas eu já volto com uma outra consciência de mim e do mundo. Eu começo a enxergar essa possibilidade de ser um lugar para ocupar, mas primeiro eu precisei

---

[1] O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

ocupar o fora na educação básica, onde eu to agora há algum tempo já, o que me fez entender que era um lugar de ocupar.
Enfim, eu fui pra performance primeiro... Ah, a bagunça... fui pra performance aí na performance eu percebo que meu trabalho tem um alcance limitado e aí eu sempre fiquei pensando em como eu consegui extrapolar essa fronteira e chegar em mais lugares e levar essas discussões que eu pretendia fazer de outras formas e a educação foi se mostrando como um caminho possível.
Eu acho que é isso, inicialmente quando eu vou pra escola básica para ter essa experiência não é assim legal, é bem traumático na real, porque não é mais a escola que eu estudei, embora eu seja de escola pública e tal, já é uma outra configuração, ainda bastante violenta e isso pra mim foi um baque. Mas aí tem a questão da performance porque meu trabalho na performance sempre ficou no limiar da resistência, dos limites e aí eu falo "vou experimentar até onde mais eu consigo ir mesmo" e eu fui indo, indo, indo e veio. Consigo ir mais e mais e mais, enfim depois eu mudei de escola e já era outra estrutura também, e isso foi fazendo com que eu percebesse o sentido e aí eu fui percebendo também outros sentidos que o contexto dava.
Agora passou um tempão, mas algumas violências, como elas são estruturais, elas permanecem e aí aquela minha intenção lá com a performance em esticar as discussões para tentar minimizar esses estragos... uau... era o campo, é o campo, não é à toa que o governo ataca tanto, não só hoje, mas principalmente agora, ataca tanto a educação porque ele sabe que tem um poder transformador surreal, acho que esse é o resumo borrado porque eu sou um borrão [risos]. [Toma café].

Anna: Na entrevista do Piauí a gente viu que você fez história, né?

T. Angel: Uhum.

Anna: E por que você escolheu história e como você significa essa escolha hoje?

T. Angel: Tá... na real, a história vem também como uma pouca possibilidade de escolha porque minha escolha inicial era trabalhar com moda, estudar moda e trabalhar com moda, então essa minha formação começa a caminhar né... só que... [balança a cabeça negativamente] Estudar moda e manter um curso de moda no Brasil na época que eu tava estudando, pra quem é da quebrada e pobre, era fora do comum... e aí eu não consigo.
Só que aí a arte, pra mim, era uma questão desde a infância, eu sempre a tinha. E é muito louco porque, já vou pra infância agora, a infância era tipo de uma família pobre de periferia fundamentalista religiosa... Assim [gesto de mãos abertas indo para frente, demonstrando sinal que significa cabeça fechada]...Então livro, TV, música, eram coisas que não entravam, e ainda assim eu tinha essa coisa com arte né... de onde vem vai saber... mas tinha essa questão.
E... bom, então era esse o caminho, era a arte. Depois eu encontrei a moda por conta do envolvimento com a música eletrônica, que na época tava tudo muito ligado, a moda é um lugar de exercer essa minha paixão pela arte também. Chegando lá você choca com

a questão de classe porque para manter era inviável pra mim, só que lá eu vou tendo contato com professoras e professores de história da arte assim muito incríveis e aí é um lugar que vai me despertando também, porque ainda assim eu conseguia tá ali pensando a arte, não enquanto criação, mas ainda pensando e ao mesmo tempo como já tinha isso em mim era uma forma de criar repertório. Eu olhava pra moda, também, mas sempre já com essa questão mais crítica e isso já foi ficando ali, depois eu percebi que não ia conseguir mesmo bancar a moda e aí desencanei e tranquei faculdade. Foi uma época... de choque, de declínio geral na minha qualidade de vida porque esse trancamento de faculdade implicava em outras coisas tantas e aí eu vou pra história já com essa base.
Era um lugar que eu gostava, era um curso que eu conseguia bancar e aí eu cheguei toda deslumbrada na faculdade. Sempre tem aquela perguntinha de início de curso: "por que que vocês estão aqui? O que que vocês querem? Que caminho?"... E aí eu deslumbrada assim: "Não, porque eu quero trabalhar com história da arte, trabalhar ali com moda, mas no campo da pesquisa", então a professora me olhou assim né **[risos]** “O que você quer aqui?”, porque era um discurso que destoava bastante do restante da turma, até porque era um curso de licenciatura e bacharelado, então a maioria ali é pra passar pela escola mesmo [respira].
E aí ao longo do curso eu fui também pra educação, a minha cabeça já era bastante crítica em relação à sociedade, mas aí na faculdade você vai tendo embasamento, vai percebendo que as estruturas estão aí e já tem gente brigando contra elas há muito tempo. Nesse sentido, a educação também foi aparecendo e a história vem como uma falta de escolha, mas também depois tem uma parte de escolha, e vai fazendo todo sentido pra aquilo que eu vim vivendo e construindo, porque também, eu penso, quando eu chego lá eu vou entendendo várias coisas, essa construção que a gente tem de sociedade ela vai limitando a gente, inclusive no olhar pra nossa existência individual e coletiva.
E aí eu já tinha um envolvimento com modificação corporal e já vinha fazendo uma pesquisa de modificação corporal nesse campo da deformação e da informalidade né... E quando eu chego na universidade, o que eu já vim fazendo tem uma validade científica que eu posso coletar tudo e aprofundar. Então eu precisei tá lá pra poder entender isso, porque na minha cabeça não, era uma coisa muito tipo que eu fazia quase que organicamente... "Ai é porque eu gosto muito, mas tem valor só pra mim, sabe?" Não, né? Tanto é que depois virou um livro e tá aí sendo usado enquanto pesquisa científica.
Acho que eu precisei estar nesse espaço pra poder estender essas lógicas todas e como eu tenho a minha deformação e arte. Eu não tenho uma formação em papel que fala "Ai você é artista", mas aí eu tenho um outro rolê que me fez ser artista, vamos dizer assim. E aí na educação eu caso essa deformação com a formação acadêmica, então eu trabalho com história, mas nunca é só história, é uma história bem borrada também, como não poderia deixar de ser **[**risos]. [Toma café]**.**

Anna: Legal! O que a gente quer entender um pouco é como que foi pra você se entender como uma pessoa LGBTQIA+ e que memórias da sua fase escolar você

considera que tangencia essa temática e, nesse sentido, como foi retornar pra sua antiga escola... Muitas perguntas, né? [risos].

T.Angel: É [risos]... mas acho que estão todas super ligadinhas também. Enfim... não vou fazer aquele discurso: "Ah porque nascemos assim". Não, não é isso. Quando eu visito as minhas primeiras memórias e tal, eu percebo que já era uma experiência que destoava do que era colocado como possibilidade única. E aí a gente tem que entender que eu nasci em 82, então essa infância tá acontecendo ali pro final da década de 80/90, começo de 90. E era outro mundo, né? Eu nasci, a gente tava saindo da ditadura militar então, assim, o ranço ficou.

Essa discussão sobre o que a gente tem agora, até por conta da internet e a TV, mesmo a TV aberta, ela já tá fazendo isso, levar corpos diversos, não era pensado naquela época. Na minha infância, era levado, mas já aí de uma forma pejorativa. O professor Edilson vai falar do termo *Racismo Recreativo*, mas a gente pode aplicar pra todas as dissidências, tinha a *LGBTfobia Recreativa* também. Eram figuras caricatas que reforçam estereótipos de violência, então eram figuras que a gente queria escapar, ao mesmo que era o referencial de sempre.

Então tinha essas memórias de infância, além das memórias, as pessoas sinalizam que o que você tem é um problema que precisa ser consertado para se adequar, e gente, era umas coisas muito bizarras. Eu lembro que eu sempre brinquei mais com as meninas da rua, brincadeiras que, também, não eram de "meninos", não faz muito sentido, né, mas é a lógica que ainda é hoje, infelizmente. E aí eu lembro que o meu corpo sempre teve uma flexibilidade legal e eu ficava… Era a criança que abria espacate na rua, bem aquela criança viada. E eu lembro que as vizinhas passavam assim [encara um canto] e eu tava sempre me trançando e elas diziam: "Olha, você não pode fazer isso porque eu vi na televisão que uma criança que fazia isso no corpo ficou doente, deu problema no osso". E assim gente [coloca a mão na cabeça], eu penso hoje que absurdo, mas não era uma problema do corpo assim estar fazendo espacate ou cruzando as minhas pernas, mas era porque não era dentro do esquema o que os meninos podem fazer e o que meninas podem fazer, era uma forma tipo de me corrigir tentando ser menos violenta, mas nunca é, né?

Ao mesmo tempo eu era uma criança que as pessoas queriam tá perto porque era a criança branquinha, quieta, era uma criança domesticada, então eu não abria a boca pra nada. Se falassem "Ai, senta ali" ok, "Fica quieto", eu ficava e a rotina era casa e aí, de novo, família pobre de periferia fundamentalista religiosa, escola.

A escola que eu trabalho, que eu estudei, ela era dirigida por uma pessoa que era simpática a ditadura militar, que andava armada na escola, andava armado e fazia questão de mostrar que tava armado. Essa figura autoritária, os corpos ali viviam reprimidos, então... casa, escola, igreja, igreja repressão... Então era um controle o tempo inteiro. Eu era uma criança dócil, fácil, fazia questionamentos, mas eles eram muito pontuais… cirúrgicos e que não geravam grandes problemas.

Conforme esse corpo vai desenvolvendo, alguns sinais vão ficando mais evidentes e essa conformação e essa docilidade que existia ela acaba acabando também. Acaba acabando foi ótimo, redundante, mas é isso, ela sinaliza porque a gente começa a ter

autonomia, a gente começa a ler, escapar também dessa caixinha, e aí eu viro um problema geral **[risos]**. Da criança dócil vira a bicha, o bicho, a monstra, o monstro, assim... não é à toa que eu gosto tanto do *Kafka Metarmorfose*, porque é exatamente isso, um belo dia as pessoas te olham e elas não te não veem mais você ali e aí elas querem te jogar pro quarto e te atacar, é assim.

E é muito louco porque, de novo, quando eu visitava isso da adolescência, essas memórias, eu pensava: "Putz! É super individual assim é minha experiência só". E conforme você vai conversando com pessoas que estão na mesma situação, situação parecida, é uma história que se repete, então é curioso porque depois, agora mais recente, eu fui ler um pouco Preciado, aí tem um texto "*Quem protege a criança queer?*", e nesse texto ele vai falar de uma experiência muito parecida com a minha aqui na periferia de Osasco e o Paul tá lá na Espanha, sabe? E você percebe que essas vidas, que esses corpos, essas subjetividades, eles têm um esquema que é estrutural de violência, que é muito parecida e que afeta de maneiras também parecidas. Então o que ele coloca nesse texto que é a ideia da fuga, de fugir, de ir pra outro lugar, eu lembro de na infância ficar pensando: "Ai quando eu fizer 18 anos eu vou pro exterior porque lá eu vou poder ser quem eu sou" ...O que eu sou? Eu nem sabia o que eu era, sabe? Mas eu já sabia que o que eu era não era possível aqui, eu tinha que fugir, tinha que me esconder, tinha que ir pra um outro lugar, tinha que assumir uma outra identidade... é louco... é violento demais isso, né?

Eu tive a sorte, eu não sei se é a palavra certa, mas assim eu desafiei isso e fui viver o que eu era e o que eu sou aqui. Só que nessa minha caminhada também eu vou encontrando pessoas que não conseguem fazer isso, lá algumas foram suicidadas e outras...Elas vivem dupla identidade mesmo, elas têm uma identidade fora e uma dentro de casa, você vai sair a pessoa leva uma roupa na mochila se veste com outra roupa e no caminho faz o contrário pra voltar em casa fantasiada de "gente normal". Isso é horrível, sabe? Que a gente tenha que passar por isso ainda, a gente tá falando de 2021 e essa estrutura ainda é imposta.

Então da infância é isso. Daí pra escola, ela vai ser esse lugar que sinaliza esses marcadores. "Fala igual homem"; "Senta igual homem"; "Isso não é brincadeira de menino"; "Você tem que jogar futebol"; "Você tem que soltar pipa"; "Você tem que ser agressiva"; e... [barulho de desgosto], né, essas bostas todas.

Só que ainda na infância eu tinha a passabilidade de criança "normal", embora já tivesse algumas coisas que queriam apontar que não era, mas tinha uma passabilidade, o que fica problemática é na adolescência que acaba, aí a escola... [balança a cabeça] é tensa né e, de novo, não era uma experiência minha, entende? Se você conversar com centenas milhares de pessoas LGBTQIA+ elas vão falar a mesma coisa, que a escola é esse lugar que faz você querer parar de estudar, de viver, que rouba sua autoestima, sua saúde mental é isso né, é esse lugar ainda agora e eu saí da educação básica em 99.

Retornar agora pra lá já tem esse outro repertório, a violência ela tá lá ainda, ela tá lá, às vezes de forma sutil, às vezes de forma explícita, mas ela tá ali presente. Só que eu percebo também que o meu corpo nesse espaço ele gera agora um problema também, então as pessoas, elas pensam mais antes de falar algumas coisas, principalmente as pessoas adultas. Criança não, e eu acho que é isso mesmo, as crianças precisam colocar

e ali a escola é o lugar que elas vão aprender, né? Até porque elas em casa, elas aprendem o quê? Eu falo isso porque elas me contam, elas aprendem a xingar, a ofender, [inaudível].
Várias crianças falaram: "Ai, você, a minha mãe falou que a sua religião é do demônio", aí eu falo: "Olha, cê volta pra casa e fala pra mamãe que eu não tenho religião, então não dá pra ter demônio nessa parada" [risos]. Então é isso, o fato de vir me contar olha assim, é o que elas aprendem em casa, então se elas chegam com um discurso problemático, elas estão num processo de construção e ali é o lugar, agora pessoas adultas… Aí é uma outra questão.
Que, claro, não é chegar num lugar também: "Ai, vamos punir todo mundo porque tá sendo escrota pra caramba" ... Não, mas assim tem que ter outra responsabilidade e eu percebo que o meu corpo, ele vai dando assim: "Olha, para um pouco pra pensar, sabe? Assim... a piada que você está fazendo, ela não faz muito sentido". É sempre que isso acontece? não, mas já tive algumas discussões, por exemplo com professores e professoras que falam que direitos humanos é coisa de bandido na escola... então assim, vai pra ladeira abaixo, tá, gente.
Tem de tudo assim. Tem, por exemplo, a recente de agora. Tem professores que falam… e isso não é de onde eu trabalho, é no Brasil, né? Que a pandemia é castigo de Deus porque no Carnaval teve aquela situação e Deus falou: "Vamos punir todo mundo" e mandou a pandemia. Isso na escola, sabe? O meu corpo sinaliza algumas coisas, mas outras não tem condição. A luta é a mais profunda e frequente. Acho que o grande resumo da ópera seriam essas relações. Então, ainda está acontecendo e na verdade não param de acontecer nunca. Vai ser para sempre [risos].

Lívia: Como já foi dito, você voltou a lecionar no colégio onde você estudou durante a infância e a adolescência em Osasco. Como você foi recebida nesta volta ao colégio Estadual Doutor Américo Marco Antônio? Que diferenças você percebeu na recepção por parte dos alunos e do próprio corpo docente?

T. Angel: O retorno é bem importante. É que, na verdade, não sei se eu tinha muita expectativa, mas, por conta de tudo, você vai criando algumas questões na sua cabeça. Primeiro, a minha memória de lá era essa desse diretor autoritário, armado, do grito, do controle, da violência. Essa era a minha memória. Quando eu retorno para lá agora, o diretor é outro e é jovem. Eu lembro que a primeira conversa que a gente teve, ele foi falar de uma coisa que para mim é fundamental que é a questão do respeito, do respeito às diferenças. Isso foi uma primeira conversa, um primeiro encontro e essa discussão já apareceu. Então ele disse: "Olha, nossa escola tem um trabalho contra as violências, então se você perceber em algum momento algum tipo de violência dentro ou fora da sala de aula, para, conversa. A gente precisa fazer esse [inaudível]." Isso já era algo pra mim que, naquele espaço, destoava bastante da experiência que eu tinha lá.
Acho legal trazer assim para vocês entenderem também a gravidade da coisa. Essa memória que eu trago de quando eu estudei, dessa figura, desse diretor, é uma lenda aqui na região. É um mito positivo de bom exemplo, de como a escola era boa, de como ela funcionava. Um saudosismo de como aquele tempo era bom. Por que é legal trazer

assim? Porque na sociedade, a ideia da colonização, que ainda é muito forte, encontra na violência esse lugar de solução para todos os problemas. A pessoa estava armada, ela agredia os estudantes fisicamente, verbalmente e psicologicamente e, ainda assim, é vista como uma coisa legal. Então, a violência entra num lugar da educação e faz uma confusão e, no fim, é um grande mito. A escola que tem hoje, que tem um trabalho humanizador que tenta pensar a questão dos direitos humanos e etc. não conseguiu superar essa ideia outra do autoritarismo. Não é atoa que a gente está no Brasil de agora, né? Porque se a gente tivesse entendido o autoritarismo e o problema dele, talvez a gente tivesse uma coisa diferente.

Então, esse retorno tem uma marca já [interrupção cachorro]. O retorno teve essa fala do diretor que para mim foi bastante marcante. Na minha experiência, eu já vou contando que terão ali muitos obstáculos, porque a escola é perto da onde eu moro e esse corpo nesse bairro era um problema. Esse corpo vai na padaria, vai no ônibus e é um corpo que sempre sinaliza que é um corpo estranho que está ali e então vem a risada e mais na adolescência a pedrada. Era horrível, mas é onde eu vivo e ponto. Então, quando eu vou para a escola, fica a dúvida sobre o que é que vai acontecer nesse trajeto. As pessoas sabem a onde eu moro, a comunidade ali é a mesma que mora e que vai para a escola, então, são várias questões, né? Eu tinha alguns receios e tal, mas o diretor teve esse outro olhar e não teve um problema inicial.

Para os estudantes e para as crianças, o meu corpo é um grande parque de diversão, porque é um corpo que elas não estão acostumadas a ver ali naquele espaço. Costumam ver agora com Youtube que tem vídeos sobre modificação corporal e [inaudível] Youtubers LGBTQIA+, eles têm ali um referencial, mas ao vivo, lidando no cotidiano não. Então, é um corpo que vira esse lugar mesmo. As crianças chegam a 200 por hora e sem filtro, né? Todas as perguntas que vocês imaginarem elas fazem e elas conseguem enxergar no meu corpo coisas que eu nem lembrava que eu tinha. É ótimo [risos] você vai revisitando isso. Se não tiver essa conversa nas primeiras aulas, essa relação não vai acontecer, porque as crianças vão ficar ali sempre no lugar de “eu preciso saber”, sabe? Eu acho que é fenomenal, porque é uma apresentação. Ela é honesta. Eu também não fico fazendo muitos rodeios de: "Ai, não vou falar sobre isso". Para mim também é muito legal, porque eu percebo que já tem crianças e adolescentes com uma cabeça muito aberta, com um olhar muito amplo do mundo e sobre isso também. É muito legal ver isso, porque você percebe que o tempo está sendo legal para algumas coisas.

Sobre professores e professoras, eles ficaram sempre numa situação de filtros. Eu costumo dizer que Instagram tem bastante filtro, mas pessoas adultas tem muito mais. Elas usam esses filtros o tempo inteiro. Então, não tem uma violência explícita, não tem olhares, mas o que eu percebo é que, enquanto as crianças no primeiro dia elas já vão direto ao ponto, já tiram todas as dúvidas e compreendem que é mais um corpo aqui conosco, as pessoas adultas não. Elas vão fazendo as perguntas em doses homeopáticas, muito lentamente. Elas dizem: "Oi, por favor, a gente gostaria de saber se.." né? Tudo muito pelas bordas e eu entendo isso. Ou seja, não teve um problema, mas tem esses filtros todos aí sendo colocados, que indicam algumas coisas. Os eixos são pessoas que trabalham na escola, estudantes e famílias.

Em relação à família, eu achei que ia ser uma treta, mas aconteceu uma coisa muito legal que eu também não esperava. Por conta da minha relação com os estudantes, que é uma relação legal, honesta, de cumplicidade, eles chegavam em casa e faziam uma propaganda sobre a aula e sobre mim. Falavam das minhas modificações corporais, já que isso é um marcador no meu corpo também, né? Elas venderam a minha imagem. Então, na primeira reunião de responsáveis, eu tive que me apresentar. A minha perninha estava tremendo. Todo mundo falou e, quando chegou a minha vez, tive que me levantar para falar e quando eu abri a boca e as pessoas estavam esboçando um sorriso. Igual quando você vai ouvir alguém e você fica: "Ah que legal que eu tô te ouvindo" [risos]. Então eu pensei: "Caramba como assim?". Para mim, isso não era esperado. Claro que não imaginei que alguém fosse me tacar pedra nesse momento, mas também não imaginei que fosse ter uma abertura simpática. Quando acabou a reunião, ficou um grupo de pais, mães e responsáveis para conversar comigo, agradecer e falar que a filha, filho ou filhe estava se esforçando mais, estava interessado em aprender um pouquinho mais, estava gostando da aula, tinha parado de faltar e eu falei: “Caramba!”. Isso foi muito legal.

Depois de um tempo, sobre os filtros que eu mencionei. Agora eu saí da sala de aula e desde o ano passado eu estou na coordenação pedagógica, que também é algo que eu não via possibilidade de eu chegar nesse lugar. Por conta disso, minha relação com o diretor ficou mais estreita, amistosa e tal. Ele me contou algo bem engraçado: “Quando você chegou aqui, eu olhei e falei 'Bom, agora a comunidade toda vai vir para escola fazer reclamação’”. Porque a comunidade faz isso, ela vai reclamar quando não gosta de algo. Mas ele me falou que, para a surpresa dele, nunca teve nenhuma reclamação, muito pelo contrário. E eu não tenho um trabalho fácil na escola. Nenhum trabalho é neutro, mas o meu é declarado. Até porque, mesmo que eu chegue lá e fique muda tá aqui, né? [sinaliza seu corpo].

Para além do trabalho na sala de aula, tenho um trabalho com um coletivo que é o Coletivo ERER+. Ele é um grupo de estudantes que trabalha com a questão explícita de direitos humanos e que fala muito da diversidade sexual e de gênero e isso nunca foi um problema. Quer dizer, tivemos problemas, mas não teve apedrejamento, que eu já acho que é um grande feito. Ali a coisa acontece, outras escolas levam a gente para conversar etc. Para poder encerrar essa parte, esse retorno vai me mostrar que a escola e o prédio são o mesmo, mas que as pessoas são outras e isso muda tudo. Tem uma outra intenção ali agora e essa intenção tem uma abertura, que é muito importante. É uma pena que nem todo mundo aproveite dessa abertura e é uma pena que nem todes da educação queriam também atuar nesse sentido. Algumas pessoas, não estou entrando no lugar de julgamento de valores, mas algumas pessoas se contentam, se bastam ou se satisfazem apenas com entrar, dar aula na sala de aula e acabou, de uma forma muito mecânica. Para mim, esse nunca foi o lugar, porque eu já tinha um trabalho de ativismo e voluntariado fora e, por que não ampliar isso ali na comunidade que eu trabalho e que eu vivo, né? Enfim, a escola tinha essa abertura e, como eu já falei para vocês, a escola está localizada no bairro onde eu moro, que eu nasci e vivo até hoje.

A transformação que aconteceu nesse entorno, ela é surreal e muito rápida. Antes, como eu falei para vocês, esse corpo nos trajetos mais cotidianos e mais comuns sofria

violência. Não física mas, recebia risadas, xingamentos, apontamentos, coisas ruins e constrangedoras. Eu só queria comprar pão na padaria, mas sempre tinha que criar uma coreografia para aguentar. Eu queria pegar o ônibus e não sabia se iria chegar até o ponto de boas. Era horrível no resumo. Conforme eu começo a trabalhar lá na escola, isso muda drasticamente e agora as pessoas ainda querem sinalizar que estão me vendo, mas o discurso é outro, né? Então, por exemplo, querem chegar perto e, antes da pandemia, dar abraço e apertar a mão. As crianças adoram quando a gente está fora da escola inclusive. Eu encontro elas na rua e no mercado e elas querem mostrar para a mãe, para a avó, para a tia, para o cachorro. Então, tem essa relação assim. Às vezes eu percebo que estão comentando alguma coisa e me chamam e falam: "Ah você dá aula para minha neta!". Então, essa relação mudou radicalmente e isso é fruto de um trabalho que acontece na escola, que envolve a pedagogia e a educação. A gente percebe o poder que tudo isso tem. Se eu não tivesse ido para lá, retornado, esse corpo ainda seria um corpo estranho no bairro e não existiria sem passar por violência. Acho que sobre o retorno é isso.

Lívia: Quando as questões que tangenciam o tema de gênero, de diversidade, de questões LGBTQIA+ aparecem, como elas são tratadas em sala de aula? Como elas surgem?

T. Angel: Essa questão está lá o tempo inteiro. Na verdade, ela sempre esteve, mas agora a gente fala sobre ela de uma forma mais aberta. As pessoas adultas em relação a mim ficam no terreno de: "Não entendo, eu não sei exatamente o que é isso". Acho ótimo, porque eu era uma adolescente mais andrógina. Os hormônios ainda não tinham feito o estrago que fizeram. Então, tinha gente que olhava para mim e falava: "Que porra é você?". Eles não conseguiam identificar se era menino ou menina. Na época, a gente não tinha uma discussão sobre não binariedade e tal. Acho ótima essa definição de [risos] meu gênero é "que porra é essa", porque a galera fica com uma incógnita mesmo. Acho que as pessoas adultas ficam confusas. Algumas acham que é gay, porque ainda tem essa ideia de que tudo é gay. Lésbica é gay. Bissexual é gay. Travesti é gay. Sempre é essa a relação que a gente tem. Acho que algumas pessoas ainda estão nesse lugar. Estudantes perguntam: "Você é bixa? Você é viado? Você é trans? O que você é?", abrindo a possibilidade para o diálogo. Sempre quando perguntam, eu faço questão de ir para a lousa e dar a aulinha da sigla e explicar para as pessoas que além da sigla tem o mais, que é *muito* mais. Eu não estou sozinha. A gente já tem um monte de criança queer e adolescente queer.
Quando eu começo a falar, elas começam a falar também, principalmente as, eu vou usar as meninas agora, porque nesse momento elas se entendem enquanto meninas, algumas já transicionaram depois disso, né? Mas nesses primeiros encontros, as meninas têm mais força para assumir a não heterosexualidade e sofrem menos violência. Já os meninos se escondem e acho que é legal a gente pensar a razão disso. Para um menino falar que é bissexual é muito raro, isso é algo mais comum e frequente para as meninas. Já as pessoas trans começam a aparecer mais para o final do ensino fundamental e começo do médio. Eu tenho um aluno trans que participou do coletivo.

Super bonitinho. Esse ano ele foi atrás de colocar o nome social. Eu perguntava se ele não queria pedir, porque eu percebia que nas redes sociais ele já usava o outro nome, mas na escola não. Então, eu falei "Olha tem essa possibilidade". Também teve um outro que já era um pouco mais distante, mas que também fez a transição. Acho que agora não tem meninas, menines, meninos trans. Minto. Chegou uma aluna que... gente é sempre assim, né? É uma aluna que chegou no sexto ano, é trans, já faz o uso do nome social, mas qual é a história dessa pessoa? Ela foi expulsa de casa. Ela tem o quê? Doze anos? Estava na rua e foi acolhida por uma instituição. Estava com uma família provisória que estava cuidando dela. Enfim, depois a família não podia ficar com ela e ela foi para um abrigo. Olha a situação! Com onze anos já foi expulsa de casa, porque é uma menina trans. As pessoas não binários ainda não se manifestaram lá na escola. Ainda é uma discussão que não apareceu com tanta força. Eu tenho levado isso o tempo inteiro também.

Como eu falei para vocês, quando aparece na sala de aula, eu faço a aulinha, que é importante. Para além da dúvida pessoal, isso aparece, por exemplo, quando a gente vai discutir no nono ano a Segunda Guerra Mundial e vai falar do Holocausto e dos campos de concentração. Não sei vocês, mas, quando eu estudei, não se falava sobre as pessoas homossexuais que eram também encarceradas nos campos. Não tinha essa discussão. Então, já é um capítulo que eu levo. Eu faço questão de levar, apresentar essa história, apresentar fontes para que consultem. Precisa acontecer esse movimento. Quando eu vou falar de direitos civis acontece a mesma coisa, levo a pauta geral também. Já no coletivo, essa parada explode, porque no coletivo a gente tem um mecanismo. Quando a gente vai trabalhar para alguma coisa, selecionamos um monte de material e vamos para uma sala assistir e discutir. Esses materiais envolvem as coisas mais diferentes no sentido temporal, pegando diferentes ícones, que envolvem a pauta de diferentes marcadores sociais, mas que tem ali presentes fortemente a questão da sexualidade e do gênero para poder pensar sobre isso.

É... teve um trabalho que a gente fez pra pensar as mulheres da história, aí a gente pensou na Frida Kahlo, pensamos, enfim, Dandara... nele eu levei a professora, que agora é diretora, Paola Aparecida: a primeira diretora que é uma mulher trans e negra aqui de São Paulo, levei para a gente poder pensar também sobre essa narrativa. Então sempre tem esse cuidado. Liniker, Linn da Quebrada, sabe? A quebrada queer. Eu vou colocando essas figuras e é muito forte, por exemplo, Racionais MC's: a molecada (que não pegou na época mas conhece agora) faz um estrondo quando você coloca Racionais. Então eu falo: *"olha, então... é legal, mas a gente tem outras linguagens vindo a partir daí"*. Aí eu levo a galera LGBTQIA+ que tá fazendo rap, que é trans, travesti, indígena e conseguimos ampliar essa discussão.

Agora, na coordenação pedagógica, eu acho muito engraçado, porque é uma confusão, algumas pessoas me tratam no feminino, algumas me tratam no masculino, e outras no neutro (que eu vou entender como a fluidez entre o masculino e feminino numa única frase), acho fenomenal. Bom, esse ano chegaram muitas pessoas novas na escola, e elas ficam assim, *com a interrogação*: "o que eu faço? como...o que tá acontecendo?" **[risos]**. E isso é fenomenal, porque você abre pra dialogar, pra conversar, pra explicar, pra falar sobre a diversidade de gênero. Acho legal também quando as pessoas falam, e

de repente retornam a frase pra se corrigir e tratar no pronome certo, é um exercício de todo mundo. Eu percebo que a gente vai tendo algum amparo pra além da escola também né.
A diretora de ensino até… ano passado? Em 2019. Com mais força, antes da pandemia. Tinha um trabalho muito forte voltado pra questão de diversidade sexual e de gênero, um amparo que era muito bom e uma formação pra professores e professoras. É… agora tá um pouco **"***nhéeu*" (declínio), por conta da pandemia e de tudo, mas a gente teve a primeira formação agora, semana passada, a primeira pauta formativa voltada pra educação das relações atípicas raciais e outros marcadores da diferença. A primeira formação foi sobre diversidade sexual e de gênero, aí aconteceu algo que é primoroso: uma das professoras-coordenadoras lá na pedagógica da diretoria de ensino é uma mulher trans – gente... isso num lugar que a gente não via é um grande feito – que levou pra conversar conosco uma pessoa interssexual (uma mulher trans interssexual e lésbica!). "Bug no sistema*"*, assim, né? Gente, foi muito rico. O que eu lamento é que isso é pouco, dada a urgência e demanda que a gente têm. Pouquíssimo. O alcance é sempre pequeno também, e eu sempre levo essa crítica, porque a galera tá confortável mesmo com as coisas do jeito que estão. Porque, assim, se vai ter uma formação, ninguém vai. Se tem um congresso sobre *etnia-raça*, *gênero-sexualidade*, ninguém vai. Se vai fazer uma atividade na escola, ninguém vai...então estão confortáveis, né? O que acontece? Então, é... tem essas questões todas, e tem a questão da disputa o tempo inteiro, né?
A disputa quando você é um corpo dissidente em espaços normativos, ela existe o tempo inteiro. Eu tenho sorte, porque... lá na escola eu consigo transitar e trabalhar de uma forma tranquila, como eu falei pra vocês eu fui pra coordenação pedagógica a convite, não era nem o lugar que eu queria, não era o lugar que me interessava, e estou lá agora. Porque eu tô falando isso? É... só "esse" ano, olha, chutando baixo umas quatro, cinco pessoas me convidaram pra ir em escolas falar sobre diversidade sexual e de gênero, todos os convites foram cancelados, porque a escola não aceita. Tem noção? Escolas de periferia e de centro, tá? O ano passado também. Inclusive uma amiga minha que é incrível, e no ano passado tava na coordenação pedagógica, percebia que era um problema na escola que ela tava, que precisava discutir, aí ela me convidou, eu topei, a gente marcou a data...a direção não aceitou, falou que "precisava discutir coisas mais importantes", ponto, fechou. Então, assim, é...até agora, no último convite que foi cancelado, a pessoa fica com muita vergonha e muita tristeza quando me retorna e fala: "olha, tava tudo certo mas não vai rolar, assim, a direção barrou". Eu não fico triste mais, talvez se eu não tivesse passado pelo processo de [inaudível] ficaria, mas assim, nessa altura do campeonato não. Eu fico feliz no sentido de, é… eu estou né, no caso da educação, no lugar que eu tinha que estar mesmo, porque cê percebe que nos outros espaços...tão fechados completamente. Então pra mim não é... derrota, não é vergonha, não é demérito, é assim: "Fechou? Beleza!". Em algum momento essas pessoas terão que parar pra falar sobre isso, talvez não vai ser comigo, mas elas vão precisar fazer isso. "*Ai, eu não quero, eu não gosto, eu acho que é errado".* **[*dá* de ombros]** Problema! Vai ter que parar, vai ter um momento que a escola vai ter que sentir isso, né? É... e assim, é uma pena que talvez aconteça num momento que seja uma briga, uma

confusão, um conflito muito sério que não precisaria chegar nele. Então é isso, estar na educação hoje, diante do cenário todo que a gente tem é o lugar que eu tinha que tá mesmo. Não vejo outras possibilidades pra mim não.

Lívia: E como coordenadora, que autonomia você tem pra tratar dessas questões também de gênero e diversidade?

T. Angel: Então, agora lá na esc- é legal você trazer essa pergunta, enfim, eu posso trazer esse tempo inteiro até porque, como eu falei, pra além do *"ah, eu quero falar sobre gênero"*, *"hoje eu vou falar sobre gênero e sexualidade"* [ironia]. Não adianta, não é assim, porque eu tô o tempo inteiro falando disso, apenas com a minha presença. Então tem essa questão. Mas além disso eu sei que não basta. Tem que levar informação, tem que levar formação e *deformação* também. Eu acredito nesse poder da deformação. A direção ela... ela...é, eu tenho sorte, tá vendo? Porque assim, a direção confia muito no meu trabalho. Então se eu falar: "eu quero chegar aqui e...", sei lá, "colocar todos os professores e professoras e passar um filme sobre a...*Stonewall*", assim, né? "A marcha e..." enfim. "Ok, pode fazer" [resposta].
Então, eu consegui alcançar esse nível de confiança. Por que eu tô falando isso? Porque agora eu tô fazendo, finalizando meu MBA em gestão escolar e meu trabalho de conclusão de curso (inclusive tá na metade do processo)**,** ele é sobre nome social na escola, o nome social enquanto direito. É pra entender se esse direito é efetivado ou não. Aí Fazendo a pesquisa, conversando com outras pessoas, enfim, eu percebo que o nome social é um problema. Ele é um problema porque as pessoas não sabem que é um direito, e algumas pessoas burocratizam mais do que já é burocrático, né? E não tá certo, tá errado. Nessa pesquisa eu quero colocar isso de uma forma: "olha... tá aqui, não dá pra a gente ficar nesse lugar tipo eu não gosto, eu não quero". Né? Tá na legislação, tem que seguir, e ponto. Diante disso, eu pensei em como eu consigo também transformar isso que é uma pesquisa pequena – porque é bem limitada – em algo prático. Aí eu cheguei lá na direção e falei que, enfim, o que eu tô pesquisando agora (pra concluir) e se era possível levar pra escola um procedimento pra uso do nome social, pra quando a gente receber a demanda, ter um protocolo específico, pra atender a demanda com consciência de que a gente tá fazendo isso, porque acho que ainda não é, por parte geral, consciente. Eu acho que algumas pessoas que ainda não entenderam tudo né? E aí ele falou assim: "coloca num papel, traz e vamos fazer". Já coloquei no papel, ele já autorizou, e agora a ideia é pegar a equipe que trabalha no administrativo da escola, que às vezes tem um distanciamento dessas pautas, não só sobre gênero e sexualidade, mas mais pedagógicas. E precisa, não dá pra ficar dissociado, tem que tá todo mundo trabalhando coletivamente. Então a ideia é que tenha essa formação, pra explicar o que é nome social, pra explicar sobre dissidência de gênero e de sexualidade, para a gente visitar um pouquinho a história, falar um pouquinho da importância desse tratamento dentro do aspecto dos direitos humanos...entendendo que isso foi negado e é negado ainda. Então já é algo que foi e é recente, né? Apresentado, aprovado, vai acontecer. Isso é muito legal, muito legal.

Essa semana a gente tá, por exemplo, lá na escola com um projetinho, que começou segunda-feira e vai até sexta, que é "Direitos Humanos e Cidadania": eu sento com as professoras e professores e falo assim: "olha, só que seguinte, não é pra falar de uma forma muito genérica e superficial, trate de direitos humanos, mas leve a discussão de quem tem os direitos humanos negados. Então fale de diversidade de sexualidade e de gênero, fale sobre a questão racial que a gente tem aqui, fale das pessoas com deficiência". Então assim, tem essa orientação. Na segunda-feira eu consegui acompanhar o encontro todo, e num dado momento, teve a situação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e explicando um pouquinho do contexto falaram do campo de concentração, e lá a professora disse: "olha, lá no campo de concentração, os homossexuais também eram presos, foram exterminados". Assim, tem isso acontecendo, e eu acho que é isso, não dá pra ficar no invisível mais. Como...apenas nós falando para nós. A gente tem que falar pra todo mundo. As pessoas precisam entender, né? Mas eu tenho muita sorte, porque a escola tem essa abertura hoje. Talvez, se eu mudar de escola, ou se a direção mudar, isso acabe, e eu vou ter que fazer uma outra disputa, [inaudível] um outro trabalho, colocar uma outra força, mas é...vou pensar no agora, no agora é isso que eu tenho, eu consigo esticar bastante mesmo a discussão. Eu acho que é fenomenal, importante demais.

Elio: Eu acho importantíssimo esse trabalho mesmo, de trazer, normalizar essas discussões dentro do ambiente escolar. Eu senti muita falta disso, acho que todo mundo que tá aqui sentiu muita falta disso no nosso momento escolar na educação básica. Mas, ainda seguindo essa linha de discussão dessas questões, a gente queria saber que diferenças você percebe na abordagem desses temas dentro do ambiente escolar pra quando você vai fazer algum trabalho em projeto externo, por exemplo, sem ser nesse lugar, sabe? Como você sente que são essas diferenças, entre esses espaços?

T. Angel: Olha, depende muito de onde é esse externo né, porque às vezes o externo ele é mais fechado do que a própria escola. A escola que eu tô, [inaudível], que como eu falei tem essas outras que nem deixam eu chegar lá. *"A monstra quer vir aqui falar pra transformar todo mundo em sapatão, travesti, viado..."* Eu espirro, viram três travestis. Acho que é isso que eles pensam, é assim que funciona. E não é, enfim, dos espaços externos eu, olha que legal, pensei agora inclusive. Como eu falei pra vocês, eu tenho um trabalho de pesquisa com a modificação corporal, que me acompanha já há alguns anos. Vou falar anos pra parecer mais jovial. A comunidade da modificação corporal, que é um ambiente que eu circulo bastante, também atuando no campo da formação, da deformação [risos], é um lugar bastante fechado, então por exemplo, discussão sobre diversidade sexual e de gênero é algo que está acontecendo agora, nos últimos anos. Embora a gente olhe pro histórico da coisa...sempre esteve ali, mas a heteronormatividade chega e estraga tudo, estraga a brincadeira toda. Eu tenho ido nesses espaços falar sobre diversidade sexual e de gênero e nem sempre é um lugar tranquilo, aberto igual é a escola que eu to agora. É um desafio também [suspiro]. As convenções, que são os lugares que eu tenho ido antes da pandemia são bem, nossa vai ser horrível falar isso, mas elas são bem normativas. Então, a convenção em si não tá

disposta a dialogar e abrir espaço pra isso em si, ela tá ali reproduzindo ainda uma lógica bastante heteronormativa, cis-heteronormativa e patriarcal inclusive, classe média. Tem algumas pessoas que vão entrando lá pra dar um *workshop*, pra fazer alguma ação... aí a gente consegue hackear esses grandes eventos, que são importantes pra comunidade. Eu não sinto segurança de estar nesses espaços, não no *workshop* em si, na formação, mas na convenção de tatuagem, não é um lugar de segurança. Lá a gente tem, é...vou pegar, assim, lá embaixo, tá? De neonazi, tranquilamente, até uma galera mais progressista, mas assim, tem neonazi em convenção de tatuagem. Então não dá segurança em estar nesse espaço, né, e algumas pessoas me perguntam se eu já sofri violência...como que é. Não sofri até agora, pode ser que em algum momento eu venha a sofrer, porque é esse espaço. Por outro lado, aí eu tenho os espaços externos também, os espaços que tão mais livres, que já estão debatendo essa questão toda. Pra além da segurança, maior, a minha integridade física e tal, também tem o encontro, tem o fortalecimento que é muito surreal, cê vai e você sempre sai mais forte do que você foi. Na escola às vezes é um trabalho mais solitário. Embora eu tenha abertura, é um trabalho mais solitário, não tem outros corpos assim. E nesses outros espaços externos, em alguns deles, têm e aí é sempre isso: fortalecimento. Isso é *muuuito* bom, muito bom, porque cê vai *pra* falar alguma coisa, e aí você volta com outro repertório, com outras relações. A gente vai também se encontrando e criando redes, as dissidências ela tem esse fator de hackeamento que é incrível. Cê vai ali e sai com mais duas, três pessoas, que vão te fortalecendo... e você também vai fortalecendo. Depois vocês se encontram num outro lugar...e acho legal falar, porque nessas minhas andanças eu tô na escola básica formal. Nos espaços externos eu vou desde ocupação, então é...tenho transitado, antes da pandemia, principalmente alí na *"Ocupa" do Ouvidor* , centro de São Paulo, e também vou lá no shopping de *playboy*, em convenção de tatuagem mega elitista, normativa [inaudível]. Bota discussão, sabe? E estar em todos esses espaços é fazer fluir, fissionar mesmo. É... as coisas como elas estão, assim, é...e aí eu acho que é lugar, porque confortável a gente nunca esteve, e a gente nunca vai ficar completamente. E aí é tensionar ainda mais esse desconforto, e também é compartilhar o desconforto: "Ah, vamo deixar mais alguém desconfortável também?". Acho que a gente tem que parar de assumir esse lugar, nós enquanto dissidência, de estar sempre nesse lugar desconfortável e as pessoas que nos violentam, nos reprimem, nos matam, confortáveis. Tem que inverter essa lógica. E é pela luta mesmo, pela disputa de narrativa e de ocupação, é.

O que eu tenho entendido também agora é que alguns lugares não precisam ser ocupados, eles têm que ser destruídos. Então...eu não quero ocupar todos os espaços, alguns eu vou trabalhar pra destruir, eu acho que é isso. É um movimento, é...ah e até a minha última atividade aberta antes da pand- gente, antes da pandemia é uma ova, já era pandemia mas a gente não sabia [risos]. Brasil com *delay*, adoro o *delay* do Brasil. Tanto é que era um evento ali na Unibes Cultural, ali perto do metrô Sumaré, não sei se vocês conhecem, e enfim, tava nessa coisa da pandemia chegando, pandemia chegando, chegando [risos]... já estava aqui, mas “fecha, não fecha”, que que vai acontecer. Umas pessoas já não foram, com medo, e eu lá "o que que eu estou fazendo aqui?" [risos]. Mas, enfim, isso foi lá, o último evento aberto. Aí teve um professor que tava assistindo

e perguntou assim: *"Cê não cansa? Cê não cansa de estar fazendo os trabalhos, de ser resistência o tempo inteiro?"*. Cansa! Cansa pra caralho! Não é?! Tem hora que cê não dá conta, tem hora que cê não dá conta… Hoje mesmo eu acordei e abri o Twitter pra ler as notícias (moderninha, ela lê as notícias pelo Twitter) **[risos]**. Aí lendo lá, tô falando rindo aqui, mas foi horrível, já começa péssima a manhã. Teve aquelas, aquela...ação genocida no Rio de Janeiro e aquela mulher jovem, grávida, foi assassinada pelo Estado. Mais uma mulher negra assassinada pelo Estado. E aí cê fica assim, tipo: "velho, que merda de mundo que a gente vive". É...e isso cansa, então tem dia que você se depara com uma notícia dessas e você não quer sair da cama, sabe assim? Eu falei antes, lá que...que...somos suicidadas, e é isso cara, chega um momento que cê não dá conta de lidar com todas essas questões o tempo inteiro! O tempo inteiro. Então eu aproveito enquanto tenho energia e tenho força e tenho condições de trabalhar, de falar sobre isso, de tá aí de pé. Eu sei que vai ter momentos que eu não vou querer sair da cama, que eu vou querer ficar em casa... E acho que tá, assim, diante de tudo que a gente vive, tá tudo bem. Né, também ter esse momento de reclusão, de voltar pra concha, de... de lamber ferida sabe? Acho que a gente tá nesse exercício de lamber ferida constantemente na verdade. E o cansaço é parte do processo. O que a gente não pode aceitar enquanto dissidência, e consciente da nossa responsabilidade e da luta que a gente tem, que as pessoas dissidentes tiveram antes de nós, que as pessoas dissidentes terão depois de nós... É isso, a gente não tem o direito a estar cansadas também, a gente precisa o tempo inteiro superar o cansaço pra continuar com vida. Se a gente descansa por muito tempo, a gente morre e aí não dá. [risos] Não dá.

Elio: É... Tô até um pouco impactado aqui, depois de toda essa reflexão. Eu fiquei pensando muito nisso, assim, sobre como o peso dessa militância acaba recaindo pra cima da gente quando se está sozinho no espaço. Como é seu caso, sozinha na escola, né. E aí fica muito mais pesado. Mas pra fechar um pouco nossa linha de raciocínio agora, a gente queria falar um pouco sobre resultados assim, entre aspas, né. A gente queria saber como você percebe que essas questões sobre gênero, identidade, diversidade, que você traz pros jovens, estão influenciando positivamente, sabe? Em relação aos jovens que se identificam fora da norma cisheteronormativa, como você sente que isso tá melhorando a condição dessas pessoas?

T. Angel: É... Eu não quero fazer o discurso aqui da esquisita salvadora, né, porque nem é o rolê. Mas assim, a gente que é esquisita, que é esquisite, esquisito, a gente realiza trocas, né. Aquilo que eu falei pra vocês: são os encontros que vão fortalecendo a gente. Na escola, por exemplo, eu ouço muito das pessoas dissidentes o quanto esses encontros vão fortalecendo, vão apaziguando os conflitos internos, tal. E isso para além das pessoas que não são heterossexuais e não são cis. Mesmo as pessoas hétero e cis também vão sendo apaziguadas, porque elas vão entendendo que as pessoas são diferentes, né. Então no trabalho com o coletivo eu consigo ter mais escuta e maior acompanhamento *nesse recorte*. E eu faço isso constantemente, não pra amaciar ego, mas para entender como isso tá acontecendo na cabecinha dessas pessoas que estão em formação e deformação. E aí elas sempre vão trazer, né, o quanto o trabalho com o

coletivo melhorou a vida delas no sentido de olhar pro mundo. E acho isso fodido, assim, fodido, porque é isso, né. A educação tem que ser pra vida e pra nos melhorar enquanto ser humano. Se você vai ser, sei lá, uma médica legal, uma artista legal, uma tatuadora/tatuador legal, antes disso você tem que ser um ser humano gente boa, sabe. Eu acho que esse é o movimento, então talvez a gente já comece a ter ali outras pessoas que vão ter profissões e que vão desempenhar muito bem seus papéis, mas que serão seres humanos melhores. Eu acho que esse é o objetivo que tem que ser alcançado. É muito forte, por exemplo: tem um aluno do coletivo que é negro, gordo, afeminado, e eu tô dizendo os marcadores que ele próprio cita dele próprio, né. E ele fala que chegou no coletivo e se aproximou, assim, reproduzindo essas lógicas todas de violência. E [inaudível]. Pera, né. Tipo, ele começa a se olhar e falar "eu também fazia isso", ou "eu também silenciava diante disso", ou "eu também fomentava pra que isso acontecesse". Isso que eu to falando é em relação às violências: o racismo, a gordofobia, a LGBTQIfobia, sexismo, tudo, né. Então eu ouço isso bastante, assim, ouço e leio porque faço questão de registrar. De novo, não é para o ego, mas para entender como que a coisa tá acontecendo e se tá acontecendo.

Eu ouvi também algumas vezes: "ah, mas trabalhar com essas questões é fácil?". As pessoas gostam de coisas fáceis, né, e a minha resposta, como em todas as outras vezes, é honesta. Não é fácil. Na realidade, é *muito* difícil, porque você toca em feridas históricas que as pessoas não querem que sejam tocadas, elas querem que sejam cicatrizadas. Que doa pra quem tiver que doer mais, que sangre pra quem tiver que sangrar mais, mas que em você esteja ali vedada. E a gente fala "hãhãhãhã" [gesto de negação com a mão direita], a gente vai enfiar o dedo nessa ferida e jogar sal, porque tem que doer pra vocês entenderem o que tá acontecendo. E aí algumas pessoas já correm, não conseguem acompanhar. Mas eu acho que também faz parte do processo. E esse é um lugar na, na educação formal básica. Esse trabalho de formação e deformação que acontece extra escola [interrupção do cachorro]. Vou pensar a comunidade da modificação corporal, de novo, porque é o meu lugar.

Acho que é bem importante marcar isso. É óbvio que ser uma pessoa não-binárie, trans não-binárie, é um marcador. As pessoas veem isso, mas antes de enxergarem isso, as modificações corporais [gesto de expansão com as mãos, sinalizando o corpo] gritam mais, né. Então, tem essa questão, e eu até uso mais a questão freak do que a queer, por exemplo, porque sempre foi um lugar que me chamou mais assim, num sentido de chamamento mesmo. E essa comunidade, que *bizarramente* também vai sendo assimilada pelo capitalismo, pelo discurso normativo… Gente é surreal falar isso, mas é real, o capitalismo ele vai *fuuup!* [sugar - gesto de puxar com a mão]. Ele é muito inteligente, ele suga tudo para si. E a comunidade de modificação corporal vem passando por esse processo, ela tá ficando cada vez mais normativa, cada vez mais “shopping center”, super higienizada, né. E aí eu vou chegando pra falar "Epa! *Não*" [gesticula negação]. Disputa de narrativa de novo, e essa disputa de narrativa inclui inclusive brigar para que as pessoas não sejam silenciadas e invisibilizadas. Dentro da comunidade da modificação corporal me aproximo muito do piercing. No piercing, por exemplo, se a gente olha pra história nacional, tem uma mulher lésbica que tá ali no início, mas ela é apagada da história. Então, em todos os espaços que eu vou dar

formação, eu falo dela e eu brigo para que as pessoas convidem ela para falar, porque senão não aparece. A gente tem duas figuras: um homem cis hétero branco e uma mulher lésbica, sendo que ela sempre também borrou, não é trans não-binárie nem nada mas ela não era uma lésbica super feminina, era uma lésbica que borrava. Cê olhava e ficava "Ué... Que que tá acontecendo aqui?" E aí ela vai sendo apagada da história e ele nunca. Ele tá em todos os eventos, tá nos programas de televisão, jornal, e isso não é um ataque contra ele, entende? É um ataque contra a estrutura que faz com que ela seja apagada e ele não. Em todos os espaços é uma briga. Por que ela não está aqui? Por que vocês não convidam?

Eu percebo que *agora* isso vem acontecendo, e não quero fazer o discurso de novo de salvadora, mas alguém tem que denunciar essa porra, né. E se eu conseguir chegar até lá, eu tenho a obrigação ética e moral de falar sobre isso. Eu adoraria falar das pessoas trans, travestis que não estão aparecendo, mas elas nem chegaram a acontecer. A gente começa a ter essas pessoas agora chegando pra essa comunidade aqui no Brasil. Então, é isso. E sobre os avanços que eu consigo perceber, por exemplo, a gente começa a ter essas pessoas dissidentes indo dar formação também, falando mais, os estúdios mais preocupados em tornar acessível o atendimento: o uso do nome social na ficha, né, de anamnese, porque não tinha isso antes, era o nome civil apenas. Nome social, banheiro sem gênero, joia [inaudível, risos]. *A gente tá em 2021* e ainda se usava joalheria para homens e joalheria para mulheres, aí cê fica tipo [gesto que indica interrogação] "O que você quer dizer com isso?" Então essas discussões estão acontecendo e as mudanças também. Você percebe que estão acontecendo ali. As denúncias estão cada vez maiores também. A gente não aceita mais ver discurso de violência sendo reproduzido de uma forma tranquila. Acho legal porque, por conta do meu trabalho, as pessoas confiam, se sentem confortáveis em trazer denúncias, e com isso eu consigo produzir mais materiais para levar. Os materiais informativos também ajudam muito, acho que a gente tem que atacar de diferentes formas, né. E aí, enfim, eu escrevo, faço vídeos, tenho as performances, tenho as aulas… Então eu vou usando tudo para também tentar atuar de uma forma mais ampla, e acho que é isso. Então eu consigo já medir que meu trabalho tem ido para esses lugares. Mas também não tenho a ilusão de que sozinha vou conseguir *a revolução*, né [sorriso], que a gente deseja. Não, não é assim. É um trabalho pequeno, de micropolítica, eu costumo dizer. E eu acho que a micropolítica é fundamental para tudo, para alterar, inclusive, a macropolítica. E não to sozinha, não tô mesmo. Tenho aí uma legião de gente esquisita, dissidente, trabalhando, se unindo e atuando nas mais diferentes frentes. Isso é fortalecedor pra caramba também. Então, por exemplo, vocês estão aqui pensando essas questões na USP, *na USP*, né. Que tem, né, a grande instituição. Isso é também fazer resistência de outras maneiras. Então eu acho que é ir somando essas forças todas aí. Se a gente não faz isso, aí a outra narrativa que sempre venceu vai continuar vencendo. E aí eu acho que não dá, né. Não dá mais.

Be: Nossa, *muito* obrigada por suas falas. Tinha momentos em que eu fiquei completamente arrepiada [risos]. Assim, eu ficava "Meu deus!" Principalmente quando você tava narrando coisas da escola. Isso foi me lembrando muita coisa e… Não sei, tantas coisas tangenciando questões de agora, de coisas que aconteceram na semana, de

relatos e… Enfim, estou muito agradecida por você ter aberto seu tempo, ter sido tão disponível com a gente. Nossa, nem tenho palavras, muito emocionada estou [sorrindo].

T. Angel: Eu que agradeço, demais! É super importante: de novo, a gente tá fazendo rede o tempo inteiro, né. O tempo inteiro. O tempo inteiro se unindo, pensando… Pensar é um exercício também, revisitar essas trajetórias, essas narrativas e compartilhá-las. Aquilo que eu falei, né, essa ida à escola lá trás, aí você percebe que essas violências elas permaneceram. Por que permaneceram? Até quando vão permanecer? E acho que é legal trazer também para circular essa discussão... É... Em 2019, eu não sei se vocês tiveram conhecimento disso. Teve uma apostila que foi entregue pelo governo do estado de São Paulo pras escolas da rede. Oitavo ano. E tinha uma página, *uma página numa apostila*, que falava sobre identidade de gênero. Esses materiais todos foram recolhidos das escolas. Eles foram censurados por conta de *uma página*. A desculpa oficial que foi divulgada é que se tratava de ideologia de gênero. Esse material saiu da escola em *sacos pretos*, eu acho isso muito simbólico porque, né... É tão... Simbólico no sentido da morte mesmo, da necropolítica, né. E aí o que que eu fiz lá na unidade escolar, eu tinha lá do material [inaudível] em aula, eu tinha um [inaudível]. Eu entrei em *todas* as minhas turmas e expliquei o que tinha acontecido, porque o que elas viam que foi divulgado na TV é que foi um erro de impressão, poucas entraram em contato com o fato de que era a questão da ideologia de gênero, né. E aí eu fiz questão de explicar, mostrar a página. Então, assim, de novo, pras pessoas que não são heterossexuais e que já têm ali a questão de gênero também em questionamento, era um horror ouvir aquilo. Que o estado estava sublinhando que as nossas existências não mereciam a atenção de uma discussão numa sala de aula, que as pessoas não teriam que falar sobre isso. É muito forte, porque a gente tá falando de 2019, e a gente tá falando do governo de São Paulo que agora tenta tanto se descolar do governo federal, mas a gente sabe que é uma falácia, né. É uma competição de necropolítica ali [risos] Desculpa [risos].

Elio: Cê vê e o poder de *uma página*, né, num livro gigante assim [risos]. Não devia estar falando nem muita coisa. Mas é... Eu também queria agradecer você, eu me emocionei bastante em vários momentos, sou uma pessoa um pouco chorona né [sorriso]. E também por me identificar com todos esses relatos que eu acho que é o que você falou né, parece que é uma narrativa que se repete na vida de todo mundo, assim. Eu também tive várias questões assim na minha última semana, nas minhas últimas duas semanas. Eu li "Quem protege a criança queer?", essa semana, do Paul Preciado. Eu também falei "Não, é hoje, hoje vai ser tudo". E aí depois que você citou Paul Preciado assim, eu fiquei igual a pessoa que cê falou na reunião de pais só sorrindo toda hora, tipo, “É isso" [risos]. Mas é isso, muito obrigado por você se disponibilizar, acho que você virou uma referência pra todo mundo aqui. Aí ó [palma], tudo pra mim! Eu tô lendo "Um apartamento em Urano", perfeito, perfeito [risos].

Lívia: Ai eu também gostaria de agradecer, muito obrigade mesmo. Foi, assim, perfeito. Ainda mais que vem sendo um momento difícil pra muita gente ultimamente. Me deu

até forças [risos] pra continuar semana, confesso. Muito obrigade mesmo, como todo mundo já falou, esses relatos que a gente vai se identificando, essas vivências e tudo mais, muito obrigade por compartilhar tudo isso.

Anna: *Muito* obrigada, eu fiquei muito emocionada, de verdade. Você é fantástica assim. Amei, de verdade. Ai, não sei nem o que falar, sem palavras [risos].

T. Angel: Gente, eu que agradeço, de verdade. Vocês falaram de força, e também é sempre, né, receber, assim, essa força. E... é isso, não parem, não desistam. Estejam atentes pra essas questões que são fundamentais pra gente enquanto sociedade. E a minha abertura não finaliza agora com o encerramento da nossa conversa. Precisou, chama! A gente tá aí pra pensar, pra somar forças, conversar, pensar estratégias também de resistência, sobrevivência. Passando pandemia a gente pode se encontrar, seria muito bom [risos] pra poder fortalecer ainda mais esses movimentos todos, né, que são fundamentais aí pra vida. Pensar uma educação, uma arte que seja sobre vida. Não mais só sobre sobrevivência, mas sobre vida, sobre pulsar vida. Não sei se vocês conheceram aí na USP o Marcelo Denny. O Marcelo Denny era um professor da ECA, trabalhava muito no campo da performance.. Depois é legal dar uma olhadinha no trabalho dele. Ele deu aula numa formação que eu fiz de performance há dez anos atrás. A gente manteve contato e foi trabalhando extra instituição, né, e ele falava muito sobre… Eu tô falando no passado porque infelizmente ele faleceu ano passado de uma forma... Assim, dormiu e não acordou. Super novo, super jovem. E ele falava muito sobre isso, né: não é só sobre estar com vida, mas fazer da nossa vida algo potente. Pulsar vida. E eu acho que a gente tem que levar isso pra educação, pra arte e pro cotidiano mesmo. Acho que é isso. Obrigada, obrigada de verdade [pausa]. Ah! E um pedido! Vocês se importariam da gente fazer um print pra eu postar no stories, alguma coisa do tipo?

Elio: De forma alguma! Inclusive a gente se arrumou justamente pra caso isso acontecesse!

[Risos de todes]

Elio: Cê acha que isso aqui é como a gente fica naturalmente? Não, não é. Jamais [risos].

T. Angel: [risos] Ótimo! Então tá. Deixa eu abrir [inaudível] vamos fazer esse print maravilhoso. Ó, vamos contar até três?

Elio: Uhum, por favor.

T. Angel: Um, dois, três! [pausa para foto] Deixa eu ver se foi. Ah, eu acho que eu não consegui, vai ter que ser outra. Bem, vamos repetir aqui. Vamos lá. Um, dois, três e foi! [pausa para foto] Deixa eu ver agora se vai... Agora foi! Todes lindes aqui! Depois eu vou recortar e mandar no grupo pra vocês.

Elio: Ah tá, obrigado!

Be: Obrigada! Eu também só queria falar que a gente depois, com todos os materiais que a gente produzir a partir disso, a gente vai te atualizando, mandando no grupo. Eu acho que vai ser legal a gente continuar assim mesmo com essa troca pós esse encontro. E é realmente uma pena que a gente não pode estar tendo esse evento presencial, mas um dia, um dia depois de tudo isso vai dar [inaudível]. Então eu vou encerrar aqui a gravação gente, é isso. Deixa eu... Não sei como isso… Calma. Aqui, né [cliques do mouse]. Pera, ah.